

IMPRESSO

Ô Catarina!

NÚMERO 51



A POÉTICA DA MORTE

MOMENTOS DE
UMA EXPOSIÇÃO

Cristo crucificado
Escultura em madeira policromada
CESARE ZANLUCA

Ô Catarina!

"...um chapeuzinho e um ponto de exclamação desceram do imponderável e o nome se enriqueceu de sentido, virou também saudação e chamamento: "Ô Catarina!"

O objetivo é isso aí: convocar, pôr em evidência e em debate o quanto for possível do nosso espírito criativo. Ser um ponto de encontro, um instrumento afirmativo de nossa alma plural. E sair um pouco pelo Brasil mostrando essa alma."

(Do editorial do primeiro número, em dezembro de 1992)



Fundação
Catarinense de Cultura

EXPEDIENTE

Governador do Estado
Esperidião Amin Helou Filho

Vice-Governador
Paulo Bauer

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Diretor Geral
Iaponan Soares

Diretora de Artes
Elenita Gerlach Koerich

Diretor Administrativo Financeiro
Sebastião Ivan Nunes

Gerente de Letras
Flávio José Cardozo

Ô CATARINA!

Editores
Flávio José Cardozo
Paulo Clóvis Schmitz

Editor assistente e programador gráfico
Fábio Brüggemann

Jornalista Responsável
Paulo Clóvis Schmitz

Nesta edição

Alphonsus Guimarães, Carlos Drummond de Andrade, Cathleen Sidki, Cesare Zanluca, Cruz e Sousa, Danísio Silva, Erik Costa Agnelino, Ernani Rosas, Francisca Júlia, Idésio Leal, Jandira Lorenz, João Evangelista de Andrade Filho, José Silveira d'Ávila, Júlio de Queiroz, Manuel Bandeira, Marcelo Steil, Márcio Martins, Onor Filomeno, Osmard de Andrade Faria, Péricles Prade, Rodrigo de Haro, Vera Sabino e Vitor Meireles.

Reprodução das obras

Museu da Imagem e do Som / Danísio Silva e Márcio Martins

Impressão
Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina

Publicação da Fundação Catarinense de Cultura.
(Lei nº 8.564 de 15/04/92, publicada
no Diário Oficial nº 14.427 de 23/04/92)

Florianópolis, março de 2002, número 51

AO LEITOR

"a menininha de cabelinhos dourados
disse: é peixe!
era um cachorro;
morreu afogado."

Aldy Maingué

Um dos eventos dignos de louvor no último verão em Santa Catarina foi a mostra A poética da morte na cultura brasileira, que surpreendeu a todos os que visitaram o Museu de Arte de Santa Catarina de dezembro de 2001 a março deste ano – entre eles muitos turistas habituados a freqüentar museus em suas viagens de férias e, por isso, portadores de bagagem suficiente para analisar criticamente o que vêem. Peculiar, reunindo em 26 ambientes algumas centenas de obras de arte ao lado de meros objetos de uso associado aos rituais fúnebres, a exposição procurou "exaltar a existência em meio à ciranda dos mitos da morte: o duplo, a salvação, o nirvana, e outros mais, além do meio-mascaramento deles pela ritualística profana da indústria e da propaganda", nas palavras do diretor do Masc, João Evangelista de Andrade Filho.

Em poemas, desenhos, pinturas, fotografias, gravuras, instalações, textos e vinhetas, o espectador foi remetido a um turbilhão de leituras e sensações que consideram amplos aspectos da antropologia, da arte ocidental, da cultura afro-brasileira, do comércio cotidiano da morte e do legado pictórico ou literário de José de Anchieta, Newton Cavalcanti, Portinari, Vitor Meireles, Maciej Babinski, Siron Franco, Miguel Gontijo, Ismael Néri, Stockinger, Bandeira, Drummond, Cruz e Sousa e tantos outros, vivos ou mortos.

Sem discriminar o mau gosto ou o kitsch, o diretor do Masc conseguiu concretizar um projeto que acalentava desde 1962, quando dirigiu o museu pela primeira vez, conferindo abrangência inédita a um tema considerado, sempre, um tabu. Foi uma grande contribuição para a formação intelectual das novas gerações e para a educação da sensibilidade. Contribuição que Ô Catarina! busca ampliar nesta edição, reproduzindo parte das obras e poemas selecionados para a exposição, com destaque para artistas e autores catarinenses.



ELI HEIL
Acrílico sobre eucatex

Endereço para correspondência
Fundação Catarinense de Cultura
Avenida Irineu Bornhausen, 5600,
Florianópolis/SC, 88 025-202.

Telefone (048) 333-2166, ramal 206, fax (048) 333-1850
e-mail: web@fcc.sc.gov.br

A POÉTICA DA MORTE

JOÃO EVANGELISTA DE ANDRADE FILHO

Diretor do Museu de Arte de Santa Catarina

A mostra “A poética da morte na cultura brasileira” cumpriu-se no MASC durante o período de 10 de dezembro de 2001 a 10 de março de 2002. Visando um panorama iconográfico, entre outros possíveis, delineou-se como exposição temática que procurou recolher, organizando-os de modo cronológico e/ou funcional, originais disponíveis de pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, objetos, fotografias, vídeos, instalações, performances e poesia ilustrada. Quando não pôde ser este o caso, a curadoria recorreu a plotagens, que complementaram, no essencial, o panorama que se entendia mostrar.

Visando pontear dois breves termos de comparação, acrescentaram-se, também entre outros possíveis, um ambiente dedicado ao México atual, e outro à Inglaterra do século XVII. Para a composição deste último, o MASC contou com exemplares do acervo do Dr. Marcelo Collaço Paulo. No caso, gravuras em metal, contemporâneas de William Hogarth e James Gibbs, abertas sobre originais destes artistas.

Uma sala foi reservada para abrigar trabalhos de crianças, resultado de um projeto dentro do projeto, e que visou obter representações do tema da morte, colhidas especialmente na Escolinha de Arte de Florianópolis mediante um exercício de arte-educação. Neste segmento exibiu-se um vídeo do cineasta José Rafael Mamiogoniam, realizado com as crianças da Escolinha.

Para integrar a expressão da vida, em roteiro dedicado à morte, e marcando a circularidade de um tema sem solução teórica até hoje, uma vídeo-instalação abriu e (encerrou) a montagem. Dela se incumbiu o grupo de jovens artistas denominado Vaca Amarela.

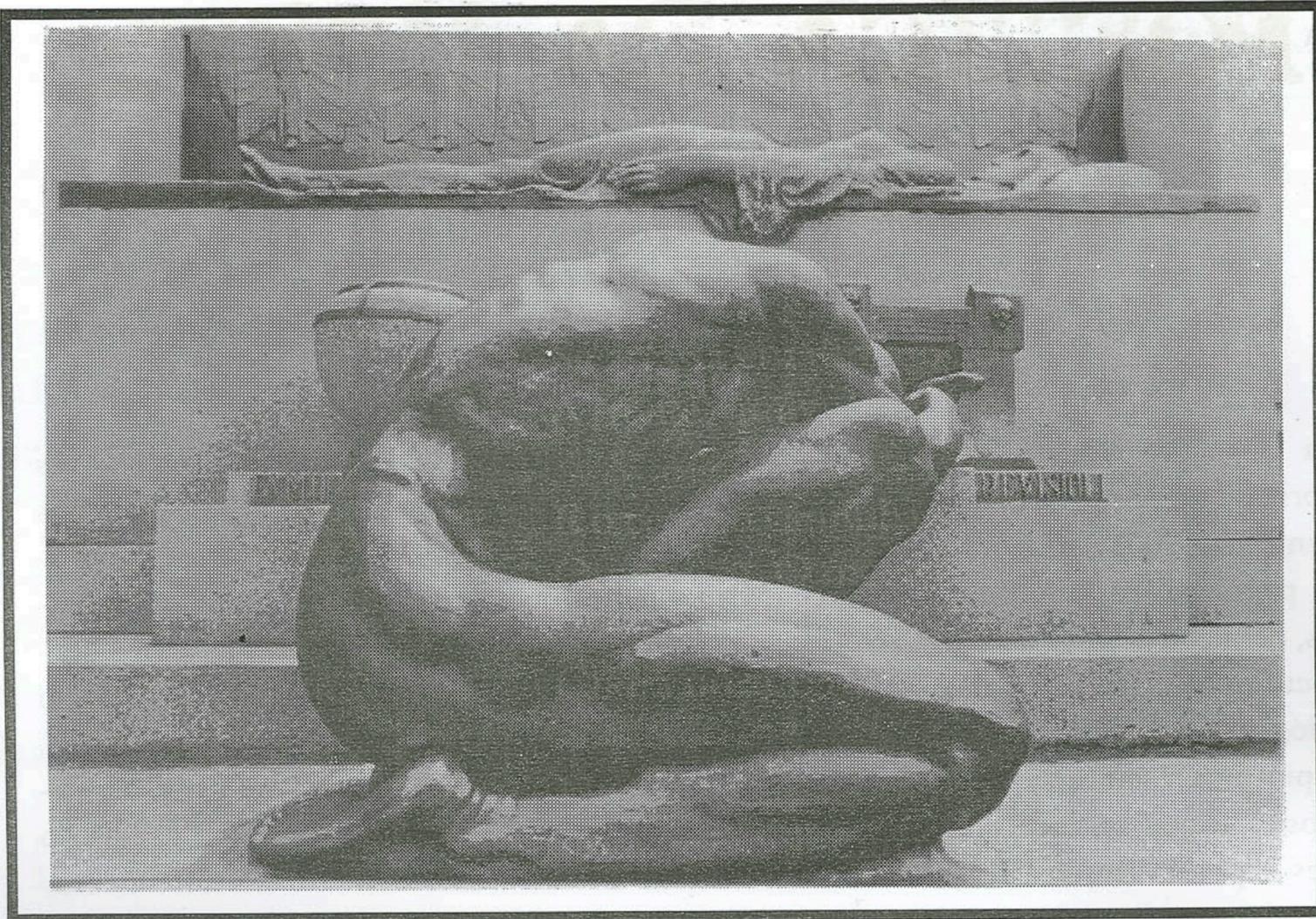
Da exposição participaram artistas plásticos de todo o Brasil e a maioria das versões que nos enviaram são inéditas, em grande parte encomendadas para a oportunidade. Os artistas catarinenses, mortos e vivos, participaram de vários segmentos, com destaque para aqueles em que se procurou resgatar a produção dos tempos atuais.

A exibição tornou-se possível graças ao patrocínio do Estado de Santa Catarina, através do Fundo Estadual de Incentivo à Cultura; à compreensão do Conselho Estadual de Cultura e ao apoio da Fundação Catarinense de Cultura e do Museu da Imagem e do Som da FCC.

Impõe-se mencionar museus e colecionadores que cederam peças para a montagem, notadamente o museu Victor Meirelles, o Museu de Arte Sacra de Azambuja, a Fundação Cultural de Joinville; antiquários de Belo Horizonte e Porto Alegre; os senhores Antônio Schmidt e Niebert Witthinrich, de Florianópolis, e, em especial, Francisco de Assis Esmeraldo e Eugênia Gorini Esmeraldo, de São Paulo.

Mônica Xexéo, do Museu Nacional de Belas Artes, José Teixeira Coelho Netto, diretor do MAC/USP, os administradores da Casa João Turim, de Curitiba, e do Museu Lasar Segall, todos eles colocaram peças dos inventários de suas instituições à disposição do MASC. Este preferiu declinar das generosas ofertas, pelo receio de que as condições de traslado e conservação não fossem as ideais.

Apesar dos obstáculos para a reunião das peças, obstáculos que incluíram também a resistência de muitos colecionadores locais solicitados, pode-se dizer que a amostragem foi significativa e consistente. De qualquer modo ficou mapeada a iconografia, e ela poderá servir para uma reprise,



Cemitério da Consolação,
fotografia de DANÍSIO SILVA

caso um centro cultural mais abastecido de acervos se disponha a interessar-se pelo assunto.

Realizar uma exposição sobre as imagens visuais e literárias que a idéia da morte desencadeia sob o contorno de determinada cultura é não apenas permitir que se delineie uma tenção coletiva; é surpreender também o desenho de infinitas expressões pessoais nas quais emergem os fantasmas impartilháveis de cada um. Pôde-se ver na mostra, por exemplo, como a partir de uma representação comum Vítor Meireles e Flávio de Carvalho verteram, ambos de modo sublime, dois universos em oposição.

Ainda que fosse a exposição propositadamente nacional na abrangência, e não foram poucas as dificuldades para localizar e convocar uma quantidade relevante de artistas, a participação catarinense acabou se destacando. Nela podemos conferir propostas, universos e “falas” de artistas tão divergentes como Rodrigo de Haro, Paulo Gaiad, Neno Brasil, Nena Borba, Vera Sabino, Janga, Jane Brueggemann, Jayro Schmidt, Onor Filomeno, Jandira Lorenz. Afloraram substratos culturais e religiosos, esvurmações da memória, fragmentos da afetividade, onirismo, humor, angústia, olímpico distanciamento e comprometimento emocional imediato, esforço conceitual. Erotismo também. Ou a

tragédia estatística que passa pela lúcida indignação e se depura em beleza (Charles Narloch em instalação/performance em que a paixão se cartesianiza e em que o símbolo essencial é o corte). Também surpreendemos o moralismo literário (Fritz Alt), o espanto delirante (Eli Heil), as acumulações ambivalentes em que o terror se doma pela geometria (Silvestre). E a morte aparece degotada, derramada, defumada, disforme ou conforme, acareante; surge como defesa, como desafio, esvaziamento, metáfora, revolta, apuro, afetação, pretexto, escapismo, símbolo e comprazimento; ressurgue como realidade física, como presença elíptica; demite-se ou se adoça. Denota, conota, ora depreendida, às vezes pervertida, outras deprimente e exaltada; condensada no conceito ou desaforando-se do seu lugar natural. Um material assim diversificado na expressão não compôs um ambiente funéreo e pesado, mas, pelo contrário, um itinerário onde mais do que sentir a morte como gage da vida ou ladra enganosa, pudemos ter a tranqüilidade de apreciar, no caso de um crucifixo realizado por imigrante italiano no sul do Estado de Santa Catarina, a ancestralidade estilística da arte românica. Seguindo o extremo apuro na técnica da aquarela, em outro artista, surpreendemos o brilho absoluto de um sapato de verniz. A morte imita a arte.

TESOUREIRO É PROCURADO

O tesouro é procurado nos centros das metrópoles, mas é nos infernos que ele está, guardado nos altares que cobrem o rosto do desesperado

Não quero as moedas, as espalhadas pelos errantes círculos, as doidas construtoras, as pesadas, as fartas que na cor já revelaram os tempos

No bolso há o estranho ritmo, sede do ouro: nem se quisesse o demônio ele saltaria para o viciado corpo

Faca é de prata, a morte vale mais assim, mais respeitada, pois morrer



Marcha Fúnebre
Ilustração de ONOR FILOMENO

CAVEIRA!

CRUZ E SOUSA



A caveira
Gravura de CATHLEEN SIDKI

Nariz de linhas, correções audazes
De expressão aquilina e feiticeira,
Onde os olfatos virginais, falazes?
Caveira! Caveira!!

Boca de dentes límpidos e finos,
De curva leve, original, ligeira,
Que é feito dos teus risos cristalinos!
Caveira! Caveira!! Caveira!!!

NUNCA TIVE MORTOS MAIS OU MENOS

JÚLIO DE QUEIROZ

Nossa Senhora da Piedade

Acrílico sobre tela em eucatex de VERA SABINO

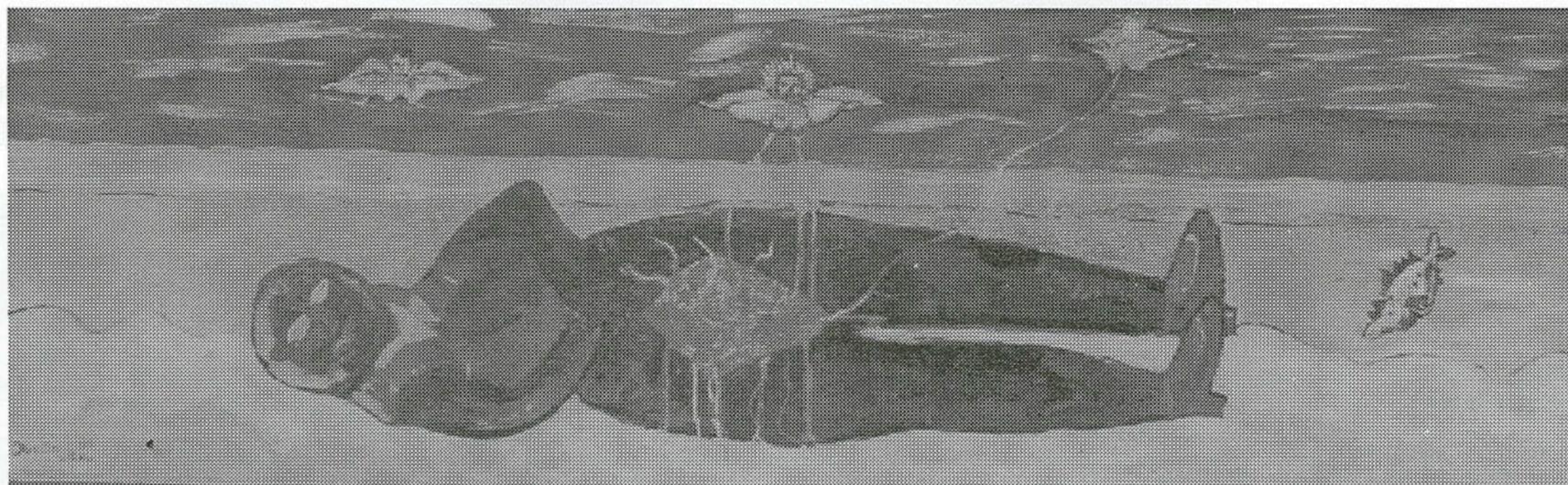


Nunca tive mortos mais ou menos.
Meus vivos são sempre tão vivos,
tão palpitantemente fogo forte,
que, ao morrer, levam de roldão,
suas vidas, muito do meu riso,
e, de mim, sempre uma parte.

Meus vivos nunca morrem como velas bruxuleantes,
mas como avassaladoras tempestades tropicais
que tudo desnorteiam.

Meu morrer nada mais será
que meu último pedaço,
levado por meu morto derradeiro.

MORTE NO AVIÃO



O morto na praia
Óleo sobre cartão de **IDÉSIO LEAL**

Sou vinte na máquina
 que suavemente respira
 entre placas estelares e remotos sopros de terra,
 sinto-me natural a milhares de metros de altura,
 nem ave nem mito,
 guardo consciência de meus poderes,
 e sem mistificação eu vôo
 sou um corpo voante e conservo bolsos, relógios, unhas,
 ligado à terra pela memória e pelo costume dos
 músculos,
 carne em breve explodindo.
 Ó brancura, serenidade sobre a violência
 da morte sem aviso prévio,
 cautelosa, não obstante irreprimível aproximação de um
 perigo atmosférico
 golpe vibrado no ar, lâmina de vento
 no pescoço, raio
 choque estrondo fulguração
 rolamos pulverizados
 caio verticalmente e me transformo em notícia.

OS MORTOS (VOLUNTÁRIOS)

Gravura de FRED SVENDSEN



A lua não viu a infâmia que escondia
o sutil corpo da noite. Não percebia
que deles só restara o desengano
a fundir, na morte, o sacro e o profano.

Nem o sol discernia, em seu abraço,
as vagas sombras povoando o espaço
entre os vivos, cuja razão iluminava
a confusão que às suas almas assomava.

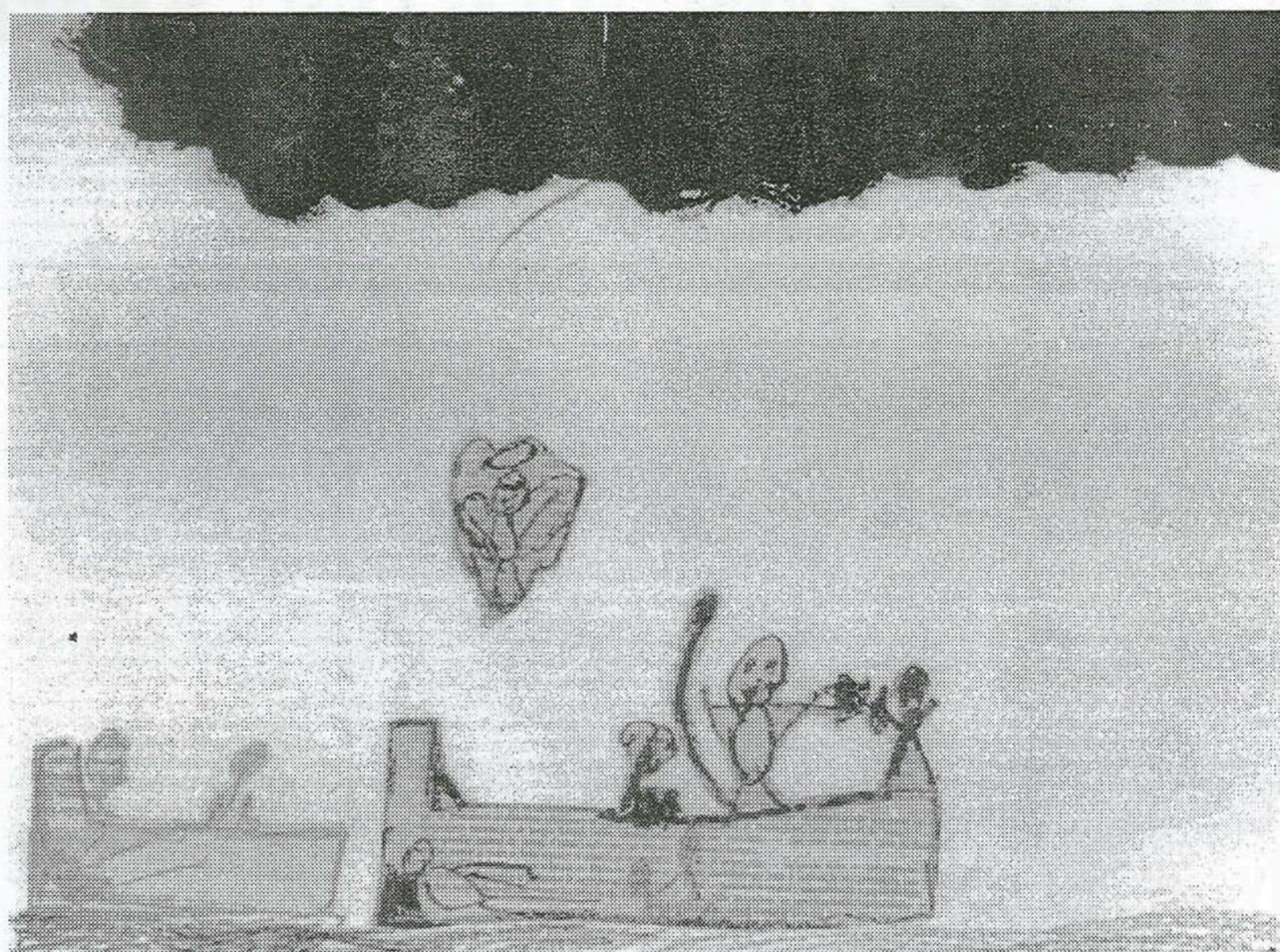
Mesmo Deus e o Diabo, com seus nomes,
deixaram de abominar a imensa fome
das coisas, que engolem, no olvido,
tudo, diluindo-se em seu sem-sentido.

Não, nem esses homens viram algum sentido
em seus gritos de ecos nunca ouvidos
por eles mesmos. Sequer o acaso, imundo,
livrou-se aquelas mãos em busca do profundo

Sono sem sonhos de almas ou de formas.
Restaram só a cama e adormecidas normas.
O pavor mitológico que o céu impregnava,
para eles se apagara: já não minava

Suas certezas, o pisar firme, sem morte.
Pois haviam erradicado, dessa sorte,
de seu mítico pavor toda a semente:
não sonham mais: são nada, sem a mente.

ESPERA POR MIM, FILHO



Desenho e colagem de **ERIK COSTA AGNELINO**
Escolinha de Arte de Florianópolis

Faz um ano, meu filho,
que tu estás dormindo.
Lembras-te do instante anterior
em que nos despedimos
e desejei que dormisses em paz?
Levaste aquele meu voto muito a sério
— a sério demais.

Já faz um longo ano que te espero acordar.
Ou será que este sono
que estás dormindo agora
é tão mais justo e repousante
que me convidas
a ir ter contigo?
Pois espera por mim
que não demoro.

EPITÁFIOS

A morte é um fato; não se corrigem os fatos.

Graham Greene

Quando os homens nascem, já são bastante velhos para morrer.

Martim Heidegger

O homem nasce sem dentes, sem cabelos e sem ilusões, e assim ele morre: sem cabelos, sem dentes e ilusões.

Alexandre Dumas



O mexicano, obstinadamente fechado ante o mundo e seus semelhantes, se abre ante a morte?

Ele a adula, a festeja, a cultiva, se abraça a ela, definitivamente e para sempre, mas não se entrega. Tudo está longe do mexicano, tudo lhe é estranho e, em primeiro, a morte, a estranha por excelência. O mexicano não se entrega à morte, porque a entrega implica sacrifício. E o sacrifício, por sua vez, exige que alguém dê e alguém receba. Isto é, que alguém se abra e se defronte com uma realidade que o transcende. Em um mundo intranscendente, fechado sobre si mesmo, a morte mexicana não dá nem recebe; se consome em si mesma e em si se satisfaz. Assim, nossas relações com a morte são íntimas-mais íntimas, por certo, que as de qualquer outro povo - mas nuas de significação e desprovidas de erotismo. A morte mexicana é estéril, não engendra como a morte dos astecas e dos cristãos.

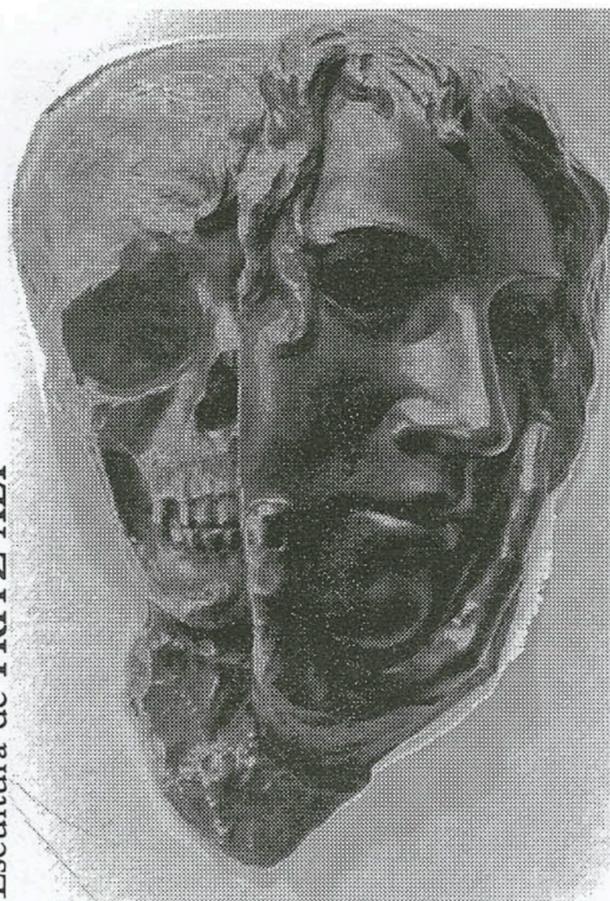
Octavio Paz



O cadáver para o sistema capitalista não representa mais nada, não faz mais parte do exército de mão-de-obra e também não consome mais nada, portanto está fora do ciclo do capital, afinal consumo é produção e produção é consumo.

Eduardo Coelho Morgado Rezende

Escultura de FRITZ ALT



injetáveis
carona
na barca
d caronte
no fundo
o maior
baratro

Marcelo Steil, do livro *Riovário*

Ah! O tédio mortal da imortalidade!

Jean Cocteau

Morrer é acabar de viver; mas acabar de viver é uma coisa completamente diferente de morrer.

Provérbio chinês

Os que existem nascem sem razão, se pronomam por fraqueza e morrem por encontro.

Jean-Paul Sartre



Estou morrendo. Ninguém gosta de falar sobre estas coisas. Na verdade, ninguém gosta de falar sobre coisa alguma. Sou eu que estou morrendo!

Eu sei que vocês sentem insegurança. Não sabem o que dizer, nem o que fazer mas por favor, acreditem em mim. Se vocês se preocupam, não podem errar, basta admitir que se preocupam, é só isso que nós queremos.

Talvez façamos perguntas demais sobre o porque ou quando!? Na verdade não queremos respostas.

Não fujam... esperem! Tudo o que eu quero saber, é que vai haver alguém para segurar a minha mão quando eu precisar?

Eu estou com medo.

Eu nunca morri antes.

Carta escrita por Ron Klingbeil, que morreu de leucemia aos 13 anos de idade.



A morte é intransferível, como a vida. Se não morremos como vivemos é porque realmente não foi nossa a vida que vivemos: não nos pertence como não nos pertence a má sorte que nos mata. Diz-me como morres e te direi quem és.

Octavio Paz

NOTURNO

Pesa o silêncio sobre a terra. Por extenso
Caminho, passo a passo, o cortejo funéreo
Se arrasta em direção ao negro cemitério...
À frente, um vulto agita a caçoula do incenso.

E o cortejo caminha. Os cantos do saltério
Ouvem-se. O morto vai numa rede suspenso;
Uma mulher enxuga as lágrimas ao lenço,
Chora no ar o rumor de um misticismo aéreo.

Uma ave canta; o vento acorda. A ampla mortalha
Da noite se ilumina ao resplendor da lua...
Uma estrige soluça; a folhagem farfalha.

E enquanto paira no ar esse rumor das calmas
Noites, acima dele, em silêncio flutua
O lausperene mudo e súplice das almas.

Óleo sobre tela de JOSÉ SILVEIRA D'ÁVILA



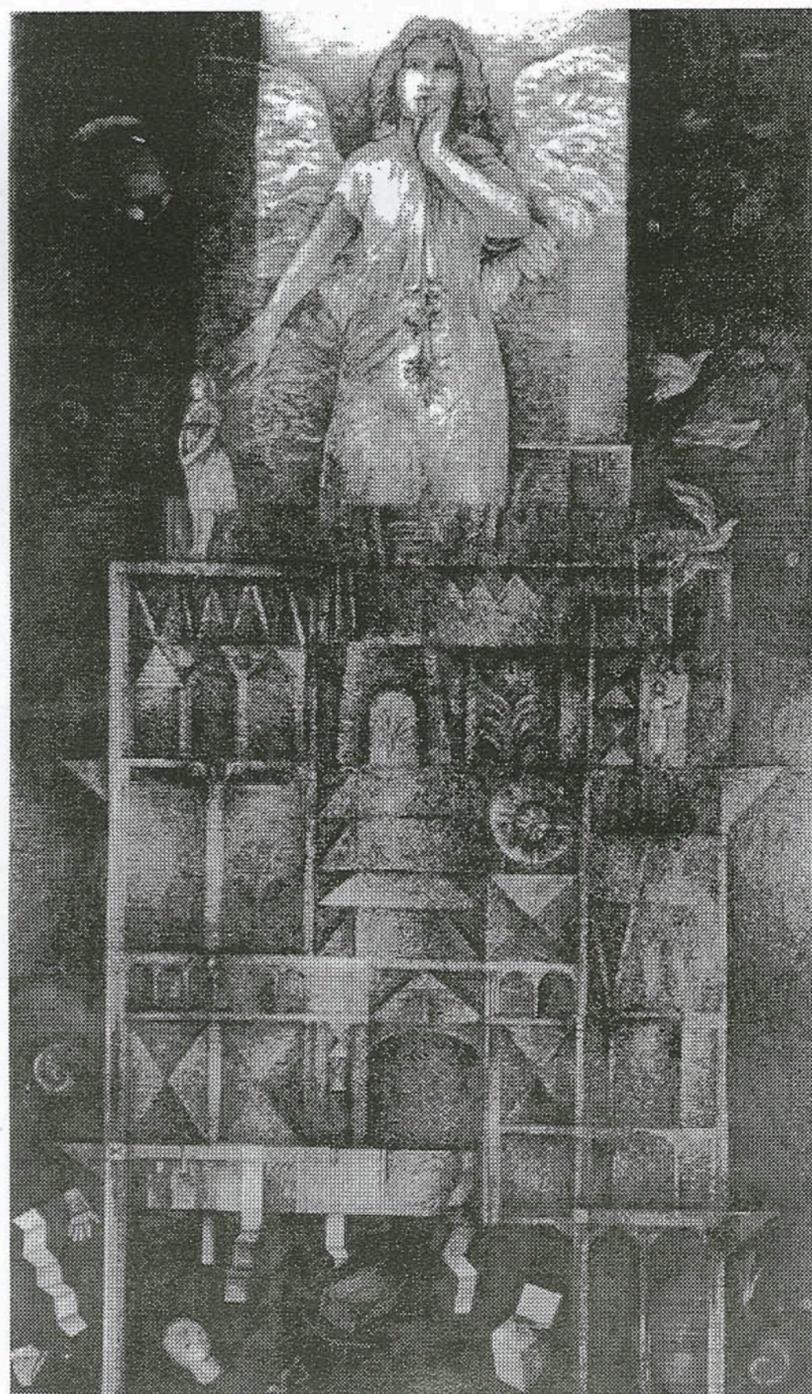
PULVIS

“Este solar é meu! Este castelo
A meus avós pertence!” disse e, quedo,
Eu mirei-a, curvado como um velho,
Mas sem sombra de horror e nem de medo.

Mãos no montante de aço, talvez belo
Ficasse por momentos... “Sei que cedo,
Nesta agonia lenta em que me engelho,
Tombarei como filha do arvoredos...”

E ela, agitando no ar os braços brancos,
Caminhou para mim, sublime e forte...
Fogos-fátuos luziam-lhe nos flancos.

Vi que estava no reino dos defuntos
“Se este solar é teu”, disse-me a morte,
Repousa em paz, que dormiremos juntos”.



Vem ó doce morte
Nanquim e aguada sobre papel de JANDIRA LORENZ

MALDIÇÃO DIVINA

ERNANI ROSAS

Do velho mundo — o tétrico cenário
dramático, infernal pelo Demônio;
Ei-lo, a arena de Dores, o estuário
de sangue rubro para um Pandemônio!...

Lança caudal de fumo sobre a terra
Letes sangrento e vivo torvelinho
de vidas, que se vão pelo caminho
turbilhonando n'um fragor de serra!...

Escombros hirtos, que vinvula uma era
de fel e agruras, de tormenta prava?...
devastando as florentes primaveras

Da vida humana, para o caos profundo!
Ante a Geena de uma noite cava
que há-de tragar a fúria deste mundo!...



Baile do Caveiras
Acrílico sobre tela de **RODRIGO DE HARO**

